

**A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA REDE REGULAR DE ENSINO DE  
CAMBORIÚ: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES, INTÉRPRETES, ALUNOS  
SURDOS E OUVINTES.**

*Janaína Pinheiro<sup>1</sup>; Afonso da Luz Loss<sup>2</sup>;*

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os sujeitos envolvidos na política de Educação (alunos ouvintes, aluno surdo, professores e intérpretes) percebem a construção do processo de inclusão do aluno surdo na rede municipal de ensino de Camboriú, em Santa Catarina. Para tal, foi realizada pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas estruturadas com dois alunos surdos, doze alunos ouvintes, dois professores e dois intérpretes, em duas escolas municipais. A pesquisa encontra-se, neste momento, na categorização dos dados e análise dos resultados, contudo é possível prever que a inclusão da pessoa surda na escola precisa ser repensada neste município.

**Palavras-chave:** Inclusão. Educação. Pessoa Surda.

**INTRODUÇÃO**

A história da educação de pessoas surdas é marcada por conflitos e contradições em nível ideológico, podendo ser analisada pela arena de lutas e tensões em que se construiu. Isso porque ao longo dessa história, a população surda foi inserida em uma pedagogia e em políticas de acesso sob uma perspectiva daqueles que ouvem e não dos surdos. Esse movimento dos ouvintes possibilita que a população surda permaneça em um status de desvalorização como sujeitos, impossibilitando o poder de contribuir por meio de suas capacidades. Através da consciência dessa história surge o problema que pretende-se responder: Como os sujeitos (alunos ouvintes, aluno surdo, professores e intérpretes) percebem a construção do processo de inclusão do aluno surdo na rede municipal de ensino de Camboriú, SC? Com esse problema de pesquisa, o principal objetivo é, portanto, analisar o processo de inclusão do aluno surdo da rede municipal de ensino de Camboriú, SC, na representação dos atores sociais envolvidos, sendo eles professores, intérpretes, alunos surdos e ouvintes. Como desdobramento do objetivo principal, surgem no horizonte da pesquisa, quatro objetivos específicos: Levantar subsídios teóricos e legais que promovam a ideia de escola inclusiva; Identificar as dificuldades e potencialidades encontradas pelos sujeitos (atores) no processo de inclusão do surdo no ensino regular formal; Relacionar as diferentes perspectivas sobre o processo de inclusão do aluno surdo na rede regular de ensino; Analisar os

<sup>1</sup> Estudante de Graduação em Licenciatura em Pedagogia, Instituto Federal Catarinense Campus-Camboriú-SC.  
E-mail: [janainaifc40@gmail.com](mailto:janainaifc40@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos da Tradução, UFSC; professor do Instituto Federal Catarinense Campus-Camboriú-SC  
E-mail: [afonso@ifc-camboriu.edu.br](mailto:afonso@ifc-camboriu.edu.br)

resultados da pesquisa à luz da legislação e referenciais teóricos. Dentre esses referenciais teóricos destacam-se: Karin Strobel (2008), Carlos Skliar (2005).

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O caminho escolhido para essa pesquisa foi o proposto pelo método qualitativo, por oferecer a oportunidade de construir novos conhecimentos ou novos caminhos para compreender o mundo (BENJUMEA, 2015). Richardson (1999) coloca que o processo qualitativo permite ao pesquisador realizar análises mais profundas do fenômeno enquanto construção social, isso se dá pela experiência relacional com os sujeitos da pesquisa. González Rey (2002, p. 59), nesta direção, ressalta que “esse tipo de pesquisa, que se apoia na participação e no compromisso crescente de quem participa nela, há de ter um sentido para os participantes, sem o qual é pouco provável que se produza o tipo de informação de que necessitamos”. Assim, os fenômenos que se pretende estudar são acessados por meio da língua, transformada aqui em procedimento de coleta de dados, por meio de uma das técnicas que vão de encontro ao método qualitativo: a Entrevista. Para Manzini (1990/1991, p. 150) “a viabilidade de usar a entrevista como forma de coleta de dados dependerá, em primeiro lugar, da natureza das informações da pesquisa”. Gomes (1997, s/n) aborda que “a entrevista serve como veículo de comunicação [...] explora o mundo vivido do entrevistado definido como experiência consciente, e está a procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado”, desta forma, Amatuzzi (2006) conclui que “é através da relação dialógica entre o sujeito e pesquisador que é possível aproximar-se da experiência vivida. González Rey (2002), corrobora ao indicar que “Toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma das fontes principais de produção de informação”. Para tal, as Entrevistas foram organizadas por meio de um instrumental com perguntas estruturadas e fechadas, sendo seis perguntas para alunos surdos e alunos ouvintes, e dez perguntas para professores e intérpretes. A pesquisa foi realizada em 2016, em duas escolas municipais, tendo ao todo 18 sujeitos de pesquisa, sendo: 02 alunos surdos, 12 alunos ouvintes, 02 professores e 02 intérpretes. No momento está na fase de categorização das respostas e análise teórica destas categorias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com os dados preliminares é possível, a priori, destacar as seguintes categorias: Comunicação/interação entre Alunos; Comunicação Ouvintes-Professor; Dificuldades com o Processo Ensino-Aprendizagem; Abordar-se-á aqui apenas a primeira categoria. Apresenta-se agora os resultados e as discussões preliminares dos dados da primeira escola visitada, sendo oito sujeitos entrevistados, destes, seis são crianças que tem como colega de sala uma criança surda; uma professora que tem como aluno uma criança surda e uma intérprete de Libras que acompanha essa

criança surda. A categoria analisada é a Comunicação/Interação entre Alunos, apresentada na Tabela 01:

**Tabela 01:** Comunicação/Interação entre Alunos

Sujeitos	Resposta
Professora (P1)	Sim! Do jeito deles eles conseguem se comunicar, ou é batendo (tocando na aluna surda) ou fazendo gestos, e isso desperta a atenção da B. Os alunos também são curiosos para aprender a falar/usar a libras, então sempre tem interação.
Intérprete (I1)	A interação ela existe! Porém esse ano vejo que a aluna não tem NENHUM interesse para interagir.... Ensinei alguns Sinais e os ouvintes até tentam mas é bem complicado, pois a aluna só “balança a cabeça”... Quando os ouvintes não sabem o sinal e fazem na datilologia (no manual) ela também não reage pois não sabe ler nem escrever.
Aluno 01 (A1)	Eu me comunico com a B. pela Libras... eu entendo mais ou menos Libras. A B. é legal, mas é meio brava as vezes.
Aluno 02 (A2)	Não falo sempre com ela...porque é difícil, mas sempre que chego perto dela tento sinalizar, como não sei muito sempre peço ajuda pra Intérprete, mas é difícil sabe, por isso eu nem chego muito perto dela.
Aluno 03 (A3)	Eu falo com ela com a libras. As vezes eu peço pra professora falar, as vezes pra ela traduzir pra mim o que a B. fala.
Aluno 04 (A4)	Hum mais ou menos eu falo com ela, eu sei falar oi, bom dia, a maioria das vezes eu peço ajuda pra professora P. (intérprete) a gente aprende muito sinais com a professora.
Aluno 05 (A5)	Eu não falo com ela diretamente, sempre peço ajuda da intérprete, é difícil falar com ela, porque ela também não conhece muito a libras.
Aluno 06 (A6)	Falo bem pouco com ela, as vezes que tento falar com ela faço gestos, sinais, as vezes desenhos pra ela me entender, e a intérprete também ajuda quando não sei uma palavra (sinal) ela me ensina.

**Fonte:** Da Pesquisa

Fica evidente, com as respostas dos sujeitos da pesquisa, que a comunicação entre os alunos ouvintes e aluno surdo acontece, havendo esforço por parte destes em fazer esta comunicação via Libras, ou pantomina, contudo existem dificuldades nessa interação. A importância da língua de Sinais é destacada por Skliar (2005, p.27), ao abordar que a língua de sinais deve ser usufruída na direção de garantir direitos, sendo “[...] um direito dos surdos e não uma concessão de alguns professores e escolas”. Quando é tratado como um direito do aluno surdo, parece haver por parte da escola uma única direção, da professora e intérprete para o aluno surdo, pois os alunos ouvintes não dominam a língua de sinais e possuem dificuldades na comunicação com seu colega. Da mesma forma, por mais que exista o auxílio destas professoras, esse conhecimento parece ser dado apenas aos colegas de sala, sendo que o restante dos alunos da escola não recebem esse

conhecimento sobre a língua de sinais. Para Strobel (2008) a língua de sinais é uma forma de comunicação que irá captar as experiências visuais dos sujeitos surdos, pois é ela que vai possibilitar ao surdo a transmissão e a aquisição de conhecimento, sendo que esse conhecimento não é apenas hierarquizado, de professor para aluno, mas também horizontalizado, entre colegas de sala. A fala da intérprete (I1) traz a discussão uma questão importante *"a aluna não tem nenhum interesse para interagir.... Ensinei alguns Sinais e os ouvintes até tentam mas é bem complicado, pois a aluna só 'balança a cabeça'... Quando os ouvintes não sabem o sinal e fazem na datilologia (no manual) ela também não reage pois não sabe ler nem escrever"*. Existe aqui uma denúncia desta professora quanto a falta de interesse do aluno surdo em interagir com os demais colegas, como se essa falta de interesse fosse responsabilidade sua. Skliar (2005) problematiza essa "falta de interesse", afirmando na que defasagem educacional dos surdos é evitado responsabilizar a instituição-escola e o seu fracasso enquanto operadora das políticas educacionais criadas e organizadas pelo Estado, tendo a escolha em responsabilizar justamente esse fracasso aos alunos surdos, aos professores e as metodologias de ensino-aprendizagem, assim, tal como a defasagem, as barreiras da comunicação também está sendo atribuída ao aluno surdo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não se possa, neste momento, apresentar certezas, devido a não completude da análise das entrevistas, pode-se dar algumas direções frente a inclusão da pessoa surda no sistema educacional. A primeira delas, se não a principal, é repensar o modelo posto para que a inclusão aconteça, isso porque, é fato que as escolas não estão preparadas para receber o aluno surdo, e quando se fala de escola, fala-se de todo o processo educacional. Quando um intérprete sugere que o aluno surdo não tem interesse em se comunicar com os alunos ouvintes, coloca neste aluno toda a responsabilidade pelo seu processo de ensino-aprendizagem bem como as relações que vai estabelecer com os demais. Por mais que haja um movimento por parte dos alunos ouvintes esse movimento apresenta *lacunas, barreiras e entraves*, seria como ligar para alguém e a ligação estar entrecortada. Ainda existe uma hegemonia pelo Oralismo, onde aqueles que detem a linguagem oral detem também poder sobre quem não a possui, como bem define Skliar (1999), esse o oralismo é considerado uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística. Essa mesma imposição social parece também acontecer com o processo de inclusão e com a construção das metodologias de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. A subjetividade e a sua pesquisa. **Memorandum**, 10, 2006, p. 93-97.

BENJUMEA, C. C. The quality of qualitative research: from evaluation to attainment. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 883-890, set. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072015000300883&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000300883&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 maio 2016.

GOMES, W. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente**. Psicologia da USP, v. 8, 2, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: Caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158.

SKLIAR, C. **Educação & exclusão**: abordagens socio-antropologicas em educacao especial. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3ª edição; ed. Mediação – Porto Alegre – RS – 2005.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.